

NÍSIA FLORESTA

LIMA, Duarte. Nísia Floresta. Coleção Educadores MEC. Recife: Massangana, 2010.

Kárita Ferraz das Chagas, Professora de Língua Portuguesa – IDEAL, Brasília. 2021.

A caminhada construída por mulheres em busca de direitos elementares como o de ser primeiramente alfabetizadas, é prova do gigantesco esforço que elas tiveram que exercer aos que se consideravam donos do poder. Em todas as áreas possíveis, como educação, política e literatura, ainda no século XIX. Esse grupo de mulheres que puderam lutar por si mesmas, e por outras que viriam depois delas, reconheciam pertencer a uma parcela privilegiada, tendo a oportunidade de serem letradas, vindas de famílias que podiam arcar com seus estudos. Para além de seus privilégios, fizeram a sua caminhada mais inclusiva, lutando para que todas, e não somente as mulheres ricas, tivessem o mesmo acesso a educação. Parte de suas doações são vistas nas obras que formam o forte esqueleto da chamada Revolução Feminista, e que ainda se mantém, com o objetivo de valorização social do gênero feminino.

Uma das importantes representantes da nossa literatura brasileira é Nísia Floresta Brasileira Augusta, este pseudônimo pertenceu à Dionísia Gonçalves Pinto, nascida em Papari – RN -, em 12 de outubro de 1810. Criadora de obras importantes, em especial para as mulheres. Também foi professora, e fundadora do colégio para meninas, que se tornou parte fundamental para abrir as portas da educação feminina no Brasil.

Ela também é considerada uma das primeiras mulheres a ingressar nos espaços privados dos veículos de comunicação, publicando textos em jornais da chamada grande imprensa. Outras contribuições importantes vieram por meio de crônicas, contos, poesias e ensaios. Reunindo um conjunto de criações de quinze títulos, publicados em diversas línguas, como português, francês, inglês e italiano. A magia de Nísia Floresta era fazer com que cada obra fosse como uma peça de quebra-cabeças, uma vez juntas, pareciam

construir um diálogo entre si, revelando terem um objetivo em comum: a valorização da inteligência feminina.

Nísia já trazia fortes influências modernas, já se fazia presente na imprensa nacional desde 1830, trazendo fortes comentários as questões mais polêmicas da sua época. Aqui, a imprensa era uma construção recente, chegando no país apenas em 1816. Daí podemos perceber como Nísia contribuiu desde cedo para o enredo do país.

Uma das obras que mais representam a veia feminista de Nísia Floresta, intitulada de *Direitos das mulheres e injustiça dos homens* de 1832, foi o passo inicial para que outros viessem. Essa obra ganhou a tradução livre de *Vindications of the rights of woman*, de *Mary Wollstonecraft*, traz a conversa sobre o direito das mulheres ao trabalho e instrução, reforçando a inteligência feminina e o merecido espaço de respeito na sociedade. No livro *Nísia Floresta: vida e obra* (Natal: UFRN, 1995) pode ser encontrada uma versão aprofundada do texto. Os pontos fortes do livro são os preconceitos contra o sexo feminino, identificando também as raízes da dominação portuguesa sobre a cultura brasileira, e ainda a ideia do homem superior. O maior de seus questionamentos é a ausência de figuras femininas em cargos de poder, como general, almirante, ministro de Estado e outras chefias. Também em espaços como universidades, formando médicas ou advogadas, já que possuíam igual capacidade que a dos homens em realizar essas formações. É clara sua intenção de cutucar os pensamentos de todos, e por abaixo, tijolo por tijolo, dessa estrutura de homens cruéis. Costuma ser lembrada como a primeira mulher a iniciar o movimento feminista no Brasil e América Latina, já que não há registro de outros textos que tragam informações tão transparentes sobre pensamentos contra as estruturas patriarcais.

Uma das criações mais brilhantes da autora é intitulado *A lágrima de caeté* de 1849, em que ela demonstra sua profunda reverência ao indígena. Característica marcante é a exaltação da natureza e os valores culturais indígenas. Esta criação traz a visão do índio que não se conforma com a opressão do branco invasor, diferente de obras da mesma época que ressaltava a ideia de heroísmo, quando o cenário real, era de que os índios tentavam se manter vivos dos destruidores de suas terras.

Outra narrativa interessante é *Páginas de uma vida obscura* que teve destaque no folhetim do jornal *O Brasil Ilustrado*, já em 1855. A história conta sobre a trajetória de um escravo, desde que foi retirado do seu país da África quando pequeno, e seus anos de vida que foram preenchidos pelo trabalho forçado; o levando até a morte. Nísia Floresta deixa suas impressões sobre o quão absurdo era o sistema de escravidão humana, demonstrando uma dor verdadeira pelo sofrimento de milhares de pessoas que foram mortas por homens devoradores de culturas. Ressaltando o direito de um tratamento humanitário dos senhores de escravos. Anos mais tarde, lá em 1870, ela se tornaria uma das defensoras mais vorazes da abolição dos escravos.

Nísia era gigante por natureza, e expandiu suas andanças para fora do país também. Agora em Florença, frequentou cursos de botânica, que foram ministrados por Parlatore, colaborador de Humboldt, mas também em Paris, no Collège de France, e no Musée d'Histoire Naturelle. Havia muita curiosidade em Nísia, não deixando nem mesmo as palestras de Comte sobre Filosofia Positiva, no Palais Cardinal em Paris, e já era 1851. Mais à frente, em 1859, quando ainda residia em Florença, publicou *Cintilações de uma alma brasileira*, que era um conjunto de cinco ensaios que trazem o tema de educação dos jovens, da mulher europeia, e de suas recordações do seu país de origem, o Brasil. Parte de sua criação teve forte influência de autores estrangeiros após suas caminhadas pela Europa; como Alexandre Herculano, Alexandre Dumas (pai), Lamartine, Duvernoy.

Além de criar os mais diversos livros sobre a escravidão, a valorização da cultura indígena, e os direitos femininos, Nísia Floresta foi notória na educação, ainda quando os tempos compartilhavam de ditados populares como o de “o melhor livro é a almofada e o bastidor”. Era a forma de fazer as mulheres acreditarem que só serviriam para serem bordadeiras e donas do lar, e mais uma vez, que a educação não era importante, apenas para elas. Mas, e se quisessem ser mais do que isso?!

Bom, alguns passos atrás na história, lá em 1838 ela resolveu abrir um colégio para moças no Rio de Janeiro, chamado Colégio Augusto, em homenagem ao companheiro que havia ficado viúva. Esse acontecimento

gerou um fuxico só, e no Jornal do Comércio em 31 de janeiro daquele ano, a manchete que estampava o jornal deixou todos surpresos:

D. Nísia Floresta Brasileira Augusta tem a honra de participar ao respeitável público que ela pretende abrir no dia 15 de fevereiro próximo, na Rua Direita nº 163, um colégio de educação para meninas, no qual, além de ler, escrever, contar, coser, bordar, marcar e tudo o mais que toca à educação doméstica de uma menina, ensinar-se-á a gramática da língua nacional por um método fácil, o francês, o italiano, e os princípios mais gerais da geografia. Haverá igualmente neste colégio mestres de música e dança. Recebem-se alunas internas e externas. A diretora, que há quatro anos se emprega nesta ocupação, dispensa-se de entreter o respeitável público com promessas de zelo, assiduidade e aplicação no desempenho dos seus deveres, aguardando ocasião em que possa praticamente mostrar aos pais de família que a honrarem com a sua confiança, pelos prontos progressos de suas filhas, que ela não é indigna da árdua tarefa que sobre si toma. (...)

Uma das maiores inovações foi trazer o ensino do latim, francês e do inglês; assim como suas correspondentes gramáticas e literaturas. Outras matérias também entraram na grade escolar, como o estudo da geografia e história do país e educação física. Foi um movimento novo, já que as demais escolas apenas reforçavam o desenvolvimento de habilidades domésticas, e um estudo superficial da língua portuguesa, e noções básicas das quatro operações. Havia um incentivo presente na “educação da agulha”, em desvalorização a do ensino. Por isso Nísia foi fortemente criticada por incluir disciplinas que não eram entendidas como importantes para uma menina saber. Cabia ser uma boa dona de casa e esposa, e não uma acadêmica.

O cenário educacional daquele tempo era tão restritivo, e aqui cabe o engrandecimento das ações de Nísia, que é necessário lembrar que no período colonial não haviam muitas escolas no país, apenas conventos e seminários eram responsáveis por fornecer ensino, mas somente a quem os procurasse, e por serem em menor número quem se interessava por se instruir, não conseguiam movimentar grandes mudanças nos costumes culturais. O Colégio Augusto encerra suas atividades em 1856.

A força de Nísia Floresta deixou fortes influências para a abertura do diálogo sobre o adiantamento intelectual da própria nação. A criação do *Opúsculo humanitário* continha 62 capítulos sobre a educação da mulher,

sendo que os primeiros vinte capítulos foram lançados anonimamente no Diário do Rio de Janeiro no ano de 1853. Já era quase um consenso de que a desvalorização da educação feminina só apontava para a diferença gritante de uma parcela da população iletrada, da outra que demandava todo o poder de ensino. Não haveria crescimento da nação, enquanto, de modo geral, grande parte dos habitantes fossem letrados, a incluir pessoas do sexo feminino. Era um dos critérios que a burguesia do século XIX ressaltava, por acreditar estarem vivendo o auge da civilização. Ainda assim, não estendiam a merecida honra a mulheres, que como a Nísia, lutaram para que as desigualdades fossem diminuídas, e assim, a educação enfim chegasse a quem também sempre teve direito; as mulheres.

Ainda hoje, se busca diminuir a distância entre a educação e a população mais pobre, que tende a fazer um grande esforço para que esse direito se valha. Mulheres como Nísia Floresta deixaram o espaço aberto para novas revoluções possam ser iniciadas por mim e por você.